| ISSN 2237-079X | V. 16 | n. 1 | 2026 |

| Recebido: 12 Mai. 2026 | Aceito: 20 Jun. 2026 | Publicado: 24 Jun. 2026 |

Desastres-Crime da Mineração no Brasil: perspectivas apresentadas em *"Arrastados"* e *"Onde você está nesta lama"?*

Mining Crime-Disasters in Brazil: perspectives presented in "Arrastados" and "Onde você está nesta lama"?

Anna Lígia Alves Coelho [1]
https://orcid.org/0000-0003-1848-1263

Resumo
A centralidade das reflexões apresentadas neste texto conta com a leitura crítica dos livros "*Arrastados"*, de Daniela Arbex, e "*Onde você está nessa lama?",* de Ricardo Assis Gonçalves. Considera-se que essas duas obras sintetizam importantes interpretações sobre os desastres-crime da mineração no Brasil. A partir do rompimento da Barragem I da Vale S.A., em Brumadinho, em 2019, o texto discute como o modelo extrativo mineral produz mortes, injustiças socioambientais e profundas rupturas territoriais. As obras analisadas recusam compreender o desastre como um evento isolado ou acidental, evidenciando que tragédias dessa natureza resultam de processos estruturais vinculados à lógica do capital mineral. Enquanto Daniela Arbex reconstrói o acontecimento por meio das histórias das vítimas, sobreviventes e familiares, Ricardo Assis Gonçalves propõe uma reflexão sobre os sentidos da lama e sobre a posição da sociedade diante da mineração. Em diálogo, os livros revelam que a lama não destrói apenas paisagens e estruturas físicas, mas também memórias, vínculos e formas de vida. Assim, a análise aponta para a necessidade de pensar os desastres-crime como expressão de um modelo econômico predatório que transforma territórios em espaços permanentes de risco e violência.

Palavras-Chave: Mineração; Desastre-crime; Injustiça socioambiental.

Abstract
The reflections developed in this article are grounded in a critical reading of the books "*Arrastados"*, by Daniela Arbex, and "*Onde você está nessa lama?"*, by Ricardo Assis Gonçalves. These two works are considered to provide significant interpretations of mining crime-disasters in Brazil. Taking the 2019 collapse of Vale S.A.'s Dam I in Brumadinho as its starting point, the article discusses how the mineral extraction model causes deaths, socio-environmental injustices, and profound territorial disruptions. The works analyzed reject the understanding of the disaster as an isolated or accidental event, demonstrating that tragedies of this nature result from structural processes linked to the logic of mining capital. While Daniela Arbex reconstructs the event through the stories of victims, survivors, and their families, Ricardo Assis Gonçalves reflects on the meanings

[1] Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Professora do curso de Licenciatura em Geografia (UEG), annaligiac@gmail.com.

of the mud and on society's position in relation to mining. Read in dialogue with one another, the books reveal that the mud destroys not only landscapes and physical structures but also memories, social bonds, and ways of life. Thus, the analysis highlights the need to understand crime-disasters as expressions of a predatory economic model that transforms territories into permanent spaces of risk and violence.

Keywords: Mining; Crime-disaster; Socio-environmental injustice.

Perspectivas introdutórias

Diante da conjuntura de debates econômicos, políticos e ambientais sobre a mineração no Brasil, acreditamos ser oportuno apresentar interpretações críticas sobre as contradições do modelo extrativo mineral. Sendo assim, a leitura de dois livros se destaca: *Arrastados*, de Daniela Arbex, e *Onde você está nesta lama?*, de Ricardo Assis Gonçalves, publicados, respectivamente, em 2022 e 2021/2024[2].

Nos últimos anos, os desastres-crime[3] causados pelo modelo de mineração predatório revelaram que essa atividade produz sofrimentos, injustiças, mortes e pilhagem ambiental no Brasil. Por consequência, três exemplos são ilustrativos: o desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton, ocorrido na bacia do rio Doce em 2015, provocado pelo rompimento da barragem do Fundão, em Mariana-MG; o desastre-crime desencadeado pela Braskem em Maceió-AL, em 2018; e, por fim, o desastre-crime da Vale S.A no vale do rio Paraopeba, resultante do rompimento da Barragem I em Brumadinho-MG, em 2019.

Esses desastres-crime demonstram que a continuidade do modelo de mineração no Brasil representa a permanência de um padrão extrativo predatório e de riscos estruturais. As perspectivas em um contexto de avanço da fronteira extrativa mineral no Brasil para responder às demandas globais por minerais críticos são preocupantes. Desse modo, as duas obras interpretadas neste texto evidenciam que a insistência no desenvolvimento econômico megaextrativo, dependente de setores como a mineração, ameaça territórios de vida. Comunidades, águas subterrâneas e superficiais, solos e relevos, trabalhos e povos de distintos sistemas biogeográficos estão sendo convertidos em meras zonas de sacrifício.

Em *Arrastados*, Daniela Arbex centra as narrativas no desastre-crime ocorrido em Brumadinho-MG e no vale do rio Paraopeba, com um enredo intenso. Arbex constrói memórias de uma catástrofe que não deve ser esquecida para que também não se repita no Brasil. Por sua vez, em *Onde você está*

[2] Com segunda edição revisada e ampliada publicada em 2024 pela editora da UEG. Com efeito, as reflexões apresentadas aqui sobre este livro tiveram contatos com as duas edições do livro.

[3] A compreensão do rompimento da barragem em Brumadinho, assim como demais casos como o rompimento de barragem em Mariana-MG e o caso da Braskem em Maceió-AL, como uma "desastres-crime" aproxima-se de leituras críticas que recusam a noção de desastre como evento acidental, reconhecendo-o como resultado de processos estruturais. Publicações como a de PoEMAS (2015) e Milanez e Fellipe (2021) sustentam esse argumento.

nesta lama?, Ricardo Assis Gonçalves apresenta crônicas que revelam as contradições do modelo mineral brasileiro, a partir de exemplos como o de Mariana-MG e Brumadinho-MG; ou de comunidades e territórios fraturados por grandes projetos de mineração no Cerrado.

Diante disso, acreditamos que os livros *Arrastados* e *Onde você está nesta lama?*, sintetizam narrativas radicais contra os desastres-crime da mineração no território brasileiro.

"Arrastados" e "*Onde você está nesta lama?":* narrativas radicais contra os desastres-crime da mineração no Brasil

O desastre-crime em Brumadinho-MG e no vale do rio Paraopeba, em janeiro de 2019, não se encerra no momento em que a barragem se rompe. Há algo nesse acontecimento que permanece, que insiste, que se prolonga para além daquilo que pode ser imediatamente visto ou narrado. A lama que desceu não levou apenas estruturas físicas, levou vidas, interrompeu histórias e redesenhou, de maneira brutal, as relações com o espaço, com o trabalho e com a própria ideia de futuro.

Mas, talvez o mais inquietante seja perceber que, mesmo depois de cessado o fluxo da lama, o desastre-crime continua a reverberar nas lembranças, nas ausências, nas tentativas de compreender o que, no fundo, parece sempre escapar. É nesse campo de tensão, entre o fato e sua permanência, que se situam as narrativas de *Arrastados*, de Daniela Arbex, e *Onde você está nessa lama?*, de Ricardo Assis Gonçalves.

São obras distintas, escritas a partir de registros diferentes, um por uma jornalista e outro por um geógrafo e professor, mas que se encontram em um ponto comum: a recusa em tratar Brumadinho como um episódio encerrado. Cada livro, a seu modo, tenta sustentar a memória do desastre-crime, não como repetição do ocorrido, mas como esforço de dar sentido ao que, muitas vezes, parece insuportável. Ler esses dois livros em diálogo é entrar em um campo de reflexão que ultrapassa a simples reconstrução dos fatos e nos coloca diante de questões amplas e profundas, que dizem respeito à produção da morte como parte lógica do capital mineral.

"Bombeiro, acha meu pai"[4]. É assim que Daniela Arbex inicia o livro *Arrastados* e se debruça sobre relato e informações impactantes a respeito de Brumadinho. A autora se aproxima do desastre-crime com o rigor de quem investiga, mas também com a sensibilidade de quem compreende a dimensão humana do que está em jogo. O livro reconstrói o rompimento da Barragem I a partir de uma ampla coleta de informações: depoimentos de sobreviventes e de pessoas que trabalharam no resgate de vítimas e no tratamento dos corpos, relatos de familiares, documentos técnicos e análises institucionais. No entanto, o que poderia se configurar como uma narrativa puramente informativa ganha densidade à

[4] Mensagem encaminhada por Ana Clara Ferreira Silva, 7 anos. Ela é uma das mais de 100 crianças órfãs da Barragem 1 da Mina do Córrego do Feijão, que se rompeu no dia 25 de janeiro de 2019, sexta-feira, às 12h28m24s. (Trecho retirado da epígrafe do livro *Arrastados*.)

medida que a autora vasculha esses elementos de modo a revelar não apenas o que aconteceu, mas como foi possível que aquilo acontecesse.

Ao longo da leitura, torna-se evidente que o rompimento não foi um evento isolado ou imprevisível. Há sinais anteriores, alertas desconsiderados, decisões que priorizaram interesses econômicos em detrimento da segurança dos trabalhadores e moradores. O desastre-crime, nesse sentido, aparece como resultado de um processo, um acúmulo de escolhas e negligências que, em determinado momento, se materializa como uma onda de lama e de forma irreversível.

Contudo, é na forma como a autora lida com as vítimas que o livro encontra sua força mais significativa. Em vez de números, encontramos histórias. Cada pessoa mencionada carrega consigo um cotidiano, uma rede de relações, expectativas, afetos. Ao trazer esses elementos para o centro da narrativa, a autora rompe com a tendência de transformar grandes tragédias em estatísticas frias. Há, nesse gesto, uma escolha ética de não permitir que a dimensão humana seja apagada pelo volume do desastre.

Essa aproximação torna a leitura mais densa, mais difícil, por vezes até desconfortável. Não é possível percorrer as páginas de *Arrastados* sem ser atravessado pelas histórias que ali aparecem. E talvez seja justamente esse o ponto, a autora propõe impedir a distância. Fazer com que o leitor se sinta implicado, ainda que não tenha vivido diretamente o acontecimento, cartografando uma imagem em que o verde da paisagem foi impactado pela mancha avermelhada de lama de minério e tudo sendo sucumbido pelo peso da exploração desenfreada do subsolo de Brumadinho.

Ao longo da narrativa de Arbex, o que aparece é um cenário profundamente marcado pela desfiguração. Muitos corpos não puderam ser reconhecidos de imediato, em vários casos, o processo de identificação dependeu de segmentos corpóreos, de vestígios mínimos, de exames técnicos que buscavam reconstruir aquilo que a lama havia desfeito. Há relatos de corpos encontrados dias, semanas ou meses depois, impregnados por rejeitos de mineração, com o minério atravessando roupas, pele e aquilo que restava das vítimas. Fica evidente que a violência não terminou no momento do rompimento, ela continuou no modo como os corpos foram arrastados, misturados à lama, dificultando o luto das famílias e tornando ainda mais longa e difícil a tentativa de dar nome aos que haviam sido arrastados[5].

Se o livro de Arbex nos conduz para dentro da tragédia por meio da reconstrução detalhada, *Onde você está nesta lama?*, de Ricardo Assis Gonçalves, opera em outra direção. Aqui, não há uma tentativa de organizar os fatos de maneira linear ou de oferecer um panorama completo do ocorrido. O que encontramos é uma escrita marcada por deslocamentos, por perguntas, por um certo desconcerto diante daquilo que se tenta compreender. O título do livro já anuncia esse movimento. Não se trata de

[5] Em janeiro de 2026, 7 anos após o desastre-crime em Brumadinho e no vale do rio Paraopeba, os bombeiros encerraram os trabalhos de buscas e duas vítimas continuam desaparecidas (Mansur, 2026).

perguntar “o que aconteceu em Brumadinho?”, mas “onde você está nisso?” Em vez de olhar apenas para o acontecido, o autor nos convida a refletir sobre nossa própria posição em relação a ele.

O desastre-crime deixa de ser algo externo, distante, e passa a operar como um ponto crítico, capaz de desestabilizar certezas. A lama assume uma dimensão que vai além do material. Ela se torna também uma imagem, uma metáfora que atravessa o texto. Estar “na lama” não significa apenas ter sido atingido fisicamente pelo rompimento, mas reconhecer-se inserido em uma lógica que permite que tais crimes ocorram. Não há respostas prontas, nem conclusões fechadas. O texto parece insistir na dúvida, na incompletude, como se qualquer tentativa de síntese fosse insuficiente diante da complexidade do que está sendo tratado.

É na relação entre essas duas formas de narrar que se abre um espaço de reflexão. Enquanto Arbex trabalha no sentido de tornar visíveis as condições concretas que levaram à tragédia-crime, Gonçalves tensiona os sentidos desse acontecimento, ampliando suas implicações. E é nesse movimento de aproximação que as obras se encontram.

Ler *Arrastados* e *Onde você está nessa lama?* em conjunto permite compreender que Brumadinho não é apenas um evento a ser lembrado, mas um problema a ser pensado. A tragédia não se reduz ao rompimento da barragem, ela envolve uma série de relações que dizem respeito à forma como o território é produzido, apropriado e disputado. A mineração, nesse cenário, não aparece apenas como atividade econômica, mas como força que reorganiza espaços e redefine prioridades, muitas vezes à custa da própria vida.

A onda de lama que desceu da barragem, não é apenas um resíduo físico. Ela carrega consigo as marcas de um modelo de exploração que transforma a natureza em recurso e relativiza seus impactos. Ao invadir casas, destruir paisagens e interromper trajetórias e sonhos, devastar famílias, ela expõe de maneira brutal aquilo que, em muitos casos, permanece oculto, sendo a desigual distribuição dos riscos, a vulnerabilidade de determinadas populações e a centralidade do lucro nas decisões que afetam diretamente a vida das pessoas, no caso os trabalhadores de Brumadinho.

Tanto Arbex quanto Gonçalves, cada um a seu modo, tornam visível essa dimensão. Em *Arrastados*, isso aparece na denúncia das negligências e na exposição das responsabilidades da tragédia-crime. Em *Onde você está nessa lama?*, surge na forma de uma inquietação que atravessa o leitor e o obriga a repensar sua posição nesse contexto. O resultado é que nenhuma das duas obras permite uma leitura confortável.

Há, na reflexão proporcionada pela leitura dos dois livros, sempre algo que escapa, que incomoda! Talvez seja justamente essa a maior contribuição desses livros: eles não oferecem alívio ao leitor. Ao contrário, mantêm aberta uma ferida que insiste em lembrar que o ocorrido não pode ser facilmente superado ou esquecido. E, ao fazer isso, apontam para a necessidade de pensar o presente de maneira mais crítica, reconhecendo que crimes como o rompimento da barragem de Brumadinho não são exceções, mas expressões de uma lógica capitalista e desumana.

Ao final das duas leituras, o que permanece não é apenas a memória do desastre, mas uma pergunta que continua ecoando. Não mais como provocação externa, mas como inquietação interna. E talvez seja nesse deslocamento que reside a força maior dessas obras, elas não apenas contam histórias, mas nos colocam dentro delas. Diante disso, resta uma questão que, longe de se encerrar, insiste em permanecer: onde estamos, afinal, neste mar de lama?

Referências

ARBEX, Daniela. Arrastados: os bastidores da tragédia de Brumadinho, o maior crime ambiental do Brasil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

GONÇALVES, Ricardo Assis. Onde você está nesta lama? Crônicas da mineração no Brasil. / RicardoJr. de Assis Fernandes Gonçalves - Goiânia / Kelps, 2021.

GONÇALVES, Ricardo Assis. Onde você está nessa lama? Crônicas da mineração no Brasil. 2. ed. Revisada e Ampliada. Anápolis: Editora UEG, 2024.

MANSAUR, Rafael. Brumadinho: após sete anos, bombeiros encerram buscas por vítimas da tragédia. G1. 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2026/01/25/brumadinho-apos-sete-anos-bombeiros-encerram-buscas-por-vitimas-da-tragedia-duas-pessoas-nao-foram-encontradas.ghtml. Acesso em: 20 mar. 2026.

MILANEZ, Bruno; FELIPPE, Miguel F. (Org.). Minas esgotada: antecedentes e impactos do desastre da Vale na Bacia do Paraopeba. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021.

PoEMAS. Antes fosse mais leve a carga: avaliação dos aspectos econômicos, políticos e sociais do desastre da Samarco/Vale/BHP em Mariana (MG). Mimeo. 2015.

Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.